

## TEXTOS QUE FUNDAMENTARAM AS OFICINAS DO NOVEMBRO NEGRO.

### 1) TEXTO SOBRE A HISTÓRIA DE ZUMBI DOS PALMARES: Zumbi, o herói imortal

Em 1655 nascia, no Quilombo dos Palmares, Zumbi, descendente de guerreiros angolanos e principal ícone da luta e resistência negra ao trabalho escravo na época do Brasil Colônia. Embora tenha nascido livre, fora capturado, com aproximadamente 6 anos de idade, em um dos ataques das tropas da colônia ao quilombo e entregue a um missionário português, o padre Antônio Melo. Criado e educado por este padre, que o batizou de Francisco, recebeu lições de português, latim, álgebra e os sacramentos da igreja católica, sendo exaltado por sua inteligência. Fugiu aos 15 anos de idade, retornando ao quilombo onde nascera, deixando de ser Francisco para ser chamado de Zumbi, que significa espírito, fantasma, em alusão ao seu “retorno dos mortos”. Zumbi, exímio capoeirista, era muito respeitado por ter sido educado por brancos e, mesmo assim, não ter abandonado suas raízes. Após ter se mostrado grande guerreiro na defesa do quilombo, coloca-se contra a decisão de seu tio e atual líder, Ganga Zumba, de receber a alforria para todos os quilombolas de Palmares em troca de submissão à Coroa Portuguesa. Zumbi não admitia que os quilombolas fossem livres enquanto outros negros continuassem escravizados, sem contar que teriam que abrir mão de suas crenças e cultura, o que, para Zumbi, era impensável. Após isso, e a morte de Ganga Zumba, Zumbi se torna o novo líder do quilombo, mostrando-se grande comandante militar que tinha estratégias de ataque e defesa incríveis e bem elaboradas. Criou-se então entre o povo o mito da imortalidade de Zumbi concebida por seus deuses que supostamente lhe fecharam o corpo, dando-lhe muito poder sobre seus inimigos. Após resistir muitos anos às investidas da capitania de Pernambuco, o Quilombo dos Palmares perdeu sua capital e Zumbi fugiu ferido. A 20 de novembro de 1695, traído, Zumbi é capturado e morto, sua cabeça é decepada e exposta com o intuito de acabar com o mito de sua imortalidade e provar que Palmares, enfim tinha sido derrotado. O dia 20 de novembro é hoje comemorado como Dia da Consciência Negra, em alusão à morte de Zumbi, que, por fim, tornou-se imortal como símbolo da luta pela igualdade e liberdade. Com a Lei Federal 10.639/03 este dia passa a ser incluso no calendário escolar como dia de reflexão sobre o racismo e a promoção da igualdade racial.

### ZUMBI NÃO MORREU ELE VIVE EM CADA UM DE NÓS

### 2) OFICINA DE RITMOS E CULINÁRIA AFRICANA

#### RITMOS NO NOVEMBRO NEGRO, UMA AÇÃO PENSADA

Ao começarmos a discutir as oficinas que seriam ministradas na ação proposta pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) o Novembro Negro, dentro das ações propomos ritmos, porque para nós Ritmos, Culinária, Capoeira e Dança, é uma herança cultural africana tão forte que não podemos negar e nem separá-las. Mas vamos tratar o ritmo dentro do contexto histórico musical brasileiro, ao começar pelo samba, o gênero musical binário que representa a própria identidade musical brasileira. De nítida influência africana, o samba nasceu nas casas de baianas

que emigraram para o Rio de Janeiro no princípio do século. O primeiro samba gravado foi pelo telefone, de autoria de Donga e Mauro de Almeida em 1917. Inicialmente vinculado ao carnaval, com o passar do tempo o samba ganhou espaço próprio, a consolidação de seu estilo verifica-se no final dos anos 20 quando desponta a geração Estácio fundador da primeira escola de samba. Grande tronco da MPB, o samba gerou derivados, como o samba-canção, o samba-de-breque, o samba-enredo, inclusive a bossa nova. Então o nosso público alvo tem de alguma maneira uma referência musical, que é o som, o ritmo, a percussão brasileira, o que tínhamos que propor era a oportunidade dos mesmos vivenciarem o toque, a batida, o manuseio dos instrumentos. A dança e música de influência angola-congolense saíram das macumbas e se estenderam pelas festas profanas, as cerimônias religiosas do Candomblé, são realizadas de um modo geral em terreiros que são locais especialmente destinados para este fim e que recebem os seguintes nomes: Macumba no Rio de Janeiro, Xangô em Alagoas e Pernambuco, Batuque no Rio Grande do Sul, e Tambor de Mina no Maranhão. (Fonte: Portal África)

Dos instrumentos musicais negro disseminados no Brasil que reconhecem a procedência da África Bantu, temos em primeiro lugar os tambores, um pouco diferente dos atabaques ioruba. Os tambores são encontrados na China com aproximadamente 3 mil anos de história. Os tambores de origem angola-congolense não tem o couro distendido por cordas e cunhas. A sua fabricação é mais simples. No Rio de Janeiro é encontrado os chamados tambores de jongo, com duas variedades principais, os maiores, tambus, e os pequenos, a que dão o nome de candongueiros.

Entre os tambores de origem bantu, temos ainda o ingono de Pernambuco e outros estados do norte. Além do ingono há ainda o zambê, que é um ingono menor, e que deu origem à dança coco de zambê, usada em alguns estados do nordeste. A cuíca, já tão conhecido hoje em todo o Brasil, é a mesma puíta angola-congolense, que tem outros nomes como roncador, fungador e sacador no Maranhão e Pará.

O ganzá ou chocalho, também é um instrumento muito usado na composição dos ritmos, principalmente em escolas de samba, a origem tem controvérsias, mas ele é simples, é uma cabaça com pedras dentro que fazem um barulho, segundo alguns pesquisadores, a origem é indígena e não africana, é descoberta no interior de Pernambuco.

O urucungo, também chamado gobo, bucum-bumba e berimbau de barriga, é o mesmo morucumbo dos Lundas. Hoje na Bahia, os negros capoeira (de Angola) usam o berimbau ou gunga, Edison Carneiro que estudou recentemente os jogos e os negros baianos, assim descreve este instrumento, “O berimbau nada mais é do que um arco de madeira, vibrado por uma vareta. A esse arco se junta a metade de uma cabaça, presa a ele por um cordão que atravessa o fundo da mesma. A parte oca da cabaça serve de caixa de ressonância”. Antigamente, havia outra espécie de berimbau, o berimbau-de-barriga, no qual, em vez de ligar ao corpo, a cabaça inteira ficava dependurado da extremidade superior do arco. O tocador segura o instrumento com a mão esquerda, três dedos na extremidade inferior do arco e os outros, mantendo, em posição horizontal, uma moeda de cobre, que se encosta a corda de vez em quando. E na mesma mão (direita) que empunha a vareta, o tocador enfia um pequeno saco de palha trançado, fechado, contendo sementes de bananeira do mato, a quem chamam os negros mucaxixi ou simplesmente caxixi. Em se tratando de instrumento, talvez seja o que as crianças em escolas públicas tem mais contato, devido à popularidade da capoeira. (PA)

É interessante como a cultura negra chegou no Brasil praticamente dentro do ser humano africano, ele não trouxe fotos nem gravura. Trouxe na memória e a partir delas fez a sua história. Toda a tradição é oral, que ocorre de geração em geração, é difícil

separar arte, religião e vida. Através da música, da dança e da espiritualidade. O candomblé expressa a harmonia dos ritmos do universo e faz círculo as energias vitais. A força desta tradição se espalhou pelos quatro cantos do país, formando novas expressões culturais genuinamente brasileira.

Com todos esses saberes como nos passaríamos essas informações ao nosso público alvo, jovens estudantes de escola pública, se eles se encontram com o conceito predominante da estética branca que determina os padrões de beleza em praticamente todo o mundo, como deveria ser a nossa abordagem? Se os meios de comunicação acabam amplificando a postura de boa parte da sociedade, sempre fizeram o possível para ridicularizar e desvalorizar qualquer estética que remetesse aos afrodescendentes, como desmistificar este mito?

O racismo presente nesta estética branca tem efeitos perversos e duradouros para os afrodescendentes, que a cada momento precisam afirmar e reafirmar a sua identidade, e aquele aluno(a) afrodescendente da escola pública que não é incluso no grupo esteticamente dominante, como ressignificar o seu valor, a sua posição no mundo, e como ele deveria compreender isso? De que forma o Novembro Negro contribuiria para que isto acontecesse?

Instrumentalizado pelos estudos, leituras e discussões no NEAB ( Núcleo de Estudos Afro Brasileiro) da Universidade, nos habilitamos a enfrentar o desafio, fortalecer a lei 10.639/03, com a ação Novembro Negro, não ensaiamos como deveria ser a apresentação dos ritmos através dos pandeiros, atabaques e ganzás, fomos movidos pela intuição de que aquela era a forma, iniciamos com uma apresentação dos envolvidos, agradecimentos pela recepção, e explanamos o porquê da nossa presença na escola, a exposição dos instrumentos em lugar acessível, onde todos pudessem visualizar e manusear, mas convidamos um tamboreiro para fazer conosco a abertura oficial, foi bom, pois ele tinha a batida necessária, nos primeiros toques houve um certo desconforto, alguns alunos reprovaram, pois os toques estavam diretamente ligados as religiões de matriz africana, que aqui em nossa cidade ainda não é suficientemente tolerada, pois o avanço dos evangélicos sobre a população é grande, e essas atitudes ajudam a demonizar religiões contrárias, mas o nosso propósito era de que as crianças vivenciassem o toque, o manuseio nos instrumentos, mas isso não podia ser isolado, porque isolado ela perde o sentido da proposta, não queríamos ensinar ninguém a tocar, queríamos provocar os seus sentidos, pois em um ambiente escolar juvenil de periferia, qual daquelas crianças não participaram da festa de Cosme e Damião na Umbanda, ou de uma mesa de Beije no Candomblé, pois é na periferia que estão a maioria dos terreiros, e como a batida é atávica, logo elas começaram a manifestar-se, alguns batendo muito acima da média, pois tinham contato com a religião, e a nossa colega Rosângela começou a discussão sobre a beleza do negro(a), desmistificando a questão do cabelo do negro ser ruim, de que ser negro era feio, este assunto beleza era o elo que faltava na explanação dos ritmos, pois propomos associar religiosidade, beleza, pertencimento, história e ritmos todos em um mesmo contexto.

Com a experiência vivida no primeiro dia do Novembro Negro, que foi além das nossas expectativas, serviu de fio condutor nas outras escolas que estavam no cronograma, cada lugar com uma característica, uma gestão, uma compreensão diferente do que foi proposto, embora timidamente todas estiveram abertas ao novo, principalmente por ser um tema ainda muito delicado que envolve racismo dissimulado, exclusão, negação do diferente, ignorância, que é o reflexo da sociedade que vivemos.

### 3) AS MASCARAS AFRICANAS E SUA HISTÓRIA

As máscaras africanas simbolizam a diversidade de manifestações culturais em muitos povos do continente. São usadas em rituais de iniciação ou passagem, cerimônias religiosas, funerais, entre outros eventos de vital importância para essas sociedades. Elas estão no epicentro da identificação dos povos com seus antepassados e suas tradições, possuindo significados que ultrapassam a fronteira de seu valor estético. As máscaras são encontradas por toda a África, nas savanas, tanto dos países sudaneses quanto dos países Bantus, nas florestas do Golfo da Guiné e na Bacia do rio Congo, regiões que abrangem diferentes civilizações.

A presença marcante da máscara é independente das características geográficas, culturais, sociais ou políticas. No entanto, existem regiões na África, onde a cultura das máscaras tem uma maior tradição. Como, por exemplo: Sudão ocidental, especialmente os povos Bambara, Dogon, Mossi e Bobo. As áreas costeiras, da Casamansa à foz do rio Congo, especialmente os povos da Guiné, Costa do Marfim, Nigéria, Camarões e Gabão. No Congo, na República Democrática do Congo (antigo Zaire) e em Angola.

É interessante constatar que o uso das máscaras em cerimônias possui diferentes significados para as diferentes sociedades africanas. Para o povo Bwa (Burkina Faso), elas aparecem principalmente durante funerais e representam o meio de contato com espíritos que moram no mundo natural (muitas vezes tendo forma de insetos ou aves) e que oferecem proteção para aqueles que os procuram. Já para os Dogon (Mali), as máscaras são utilizadas em rituais de dança e estão relacionadas ao mito de criação do próprio povo, fazendo referência a Nommo (filho de Deus), responsável por guiar os oito ancestrais do céu para povoar a terra. O rosto formado por traços geométricos representa o deus criador; além deste, há também as máscaras figurativas antropomórficas – mostrando as diferentes categorias da sociedade – e zoomórficas, as quais celebram a relação entre os animais e os homens, fazendo referência à origem caçadora dos Dogon.

A presente oficina realizada nas escolas teve por objetivo propiciar aos alunos uma pequena mostra da cultura africana a fim de que, os mesmos conheçam um pouco da própria cultura. Assim como os objetivos gerais do Evento Novembro Negro, a oficina Máscaras Africanas tem como intuito superar os preconceitos estabelecidos pela sociedade, no que se refere não só a cultura corporal do movimento africana, mas também as questões de religiosidade. No processo de confecção das máscaras foram necessários materiais como: Jornal, pincéis, tinta guache, tesouras, balões, cola e copos descartáveis.

<http://racabrasil.uol.com.br/especiais/as-mascaras-africanas/2322/>

[http://www.axeafrica.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=70&Itemid=8](http://www.axeafrica.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=70&Itemid=8)

### 4) PALESTRA SOBRE AÇÕES AFIRMATIVAS

O Novembro Negro trata-se de uma série de ações, intervenções e eventos culturais, com o intuito de atentar e trazer para a sociedade reflexões e discussões sobre as temáticas etnicorraciais e comemorar o Dia da Consciência Negra. O Novembro Negro ocorreu nas escolas Salgado Filho, Paulo Freire, João Fagundes, Elvira Ceratti e Castelo Branco.

Em duas escolas são de Ensino Médio, surge então a necessidade de ser contextualizada as ações afirmativas que existem como entrada e permanência na

universidade. Com base nos estudos desenvolvidos por acadêmicos que fazem parte do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros – NEAB/Unipampa entende-se que: O termo ação afirmativa faz referência a um conjunto de políticas públicas destinadas a proteger minorias ou grupos sociais que tenham sido discriminados no passado. O desafio dessas políticas públicas é a retirada de barreiras, concretas ou não, que impedem a certos grupos o acesso pleno aos estudos, ao mercado de trabalho e aos direitos sociais e humanos. A importância das ações afirmativas é como um caminho rumo à construção de um país onde as oportunidades realmente possam ser para todos.

As Ações afirmativas existem no país desde 1890, com a chegada da primeira leva de imigrantes europeus que tinham garantido emprego com trabalho assalariado, acesso à terra e escolas para seus filhos na sua língua original. Essa imigração europeia respondeu aos objetivos da elite política da época que, sob a justificativa de modernizar o país com mão-de-obra assalariada e adaptada ao padrão de produção industrial capitalista, implementou o projeto político de nação. Este projeto estava baseado no embranquecimento do país, que a esta altura contava com cerca de 42% da sua população composta por africanos e seus descendentes. Essa realidade durou até as primeiras décadas do século 20. Já na década de 1960, vigorou a chamada Lei do Boi, que reservava vagas nos cursos de agronomia e veterinária nas universidades para os filhos de fazendeiros.

Há pouco tempo aprovamos na lei eleitoral a reserva de 30% das vagas para candidatas mulheres em todos os partidos, ainda que a maioria deles não respeite. Nesse sentido, vale ressaltar que não estamos inaugurando uma forma nova de fazer políticas públicas, antes direcionando a um expressivo contingente populacional que nunca foi beneficiário das políticas do Estado brasileiro. Sabemos que a igualdade de fato é muito difícil de ser construída e qualquer observador desatento é capaz de atestar as enormes disparidades vivenciadas entre negros, indígenas e brancos nos espaços da vida social brasileira. Existe uma larga produção de dados afirmando que, embora a nossa constituição assegure a igualdade entre todos os brasileiros, ter acesso igualitário aos mesmos direitos e oportunidades ainda é um sonho bastante distante de ser alcançado no Brasil.

É com base nesses aprofundados estudos que reivindicamos ações afirmativas em todos os setores da vida social, por avaliarmos que a população negra foi preterida de ocupar estes espaços e oportunidades de direitos no país. Houve momentos no Brasil em que estava escrito na constituição a proibição de escravos e seus descendentes frequentarem a escola. Isso atrasou em mais de um século o acesso de crianças negras a escolas. O mesmo se passou com o acesso à universidade. Entendemos que a busca pela igualdade pressupõe a combinação de medidas emergenciais com medidas de médio e longo prazos, com vistas à superação do fosso que separa os grupos populacionais no país.

O pleito por ações afirmativas não surge como importação de ideias de realidades estranhas a nós, como querem fazer crer alguns. Antes, é fruto da análise pormenorizada sobre a forma de construção do Estado e nação brasileiros e do embate com a realidade de se viver num dos países com as maiores taxas de concentração de renda e riqueza do mundo. Essa situação ocasiona um dos maiores índices de desigualdade social do planeta. É também fruto da certeza incontestável de que os mais de 350 anos de escravidão deixaram marcas que o país ainda não conseguiu superar. Essa é uma realidade comum a toda a diáspora. O escravismo colonial e a colonização dos países africanos deixaram um legado perverso que até hoje é possível observar: fome, miséria, desemprego e subemprego e as dificuldades no acesso aos sistemas de saúde, educação, habitação.

Não podemos deslocar o pleito por ações afirmativas das medidas de caráter estrutural. Por exemplo, ao reivindicarmos cotas nas universidades não significa que deixamos de debater a necessidade da garantia da qualidade da educação básica pública que consiga abranger desde a Educação Infantil ao Ensino Médio. Não significa que não queiramos ressignificar a escola como um verdadeiro espaço de preparação para a vida, aliando uma formação crítica a conteúdos relativos ao mundo do trabalho.

Quando debatemos a inclusão da população negra no mercado de trabalho a partir da definição de cotas, não apenas questionamos o atual mercado de trabalho extremamente excludente, que discrimina com base na aparência física e no local de moradia. Pautamos também a sua superação através do estabelecimento de formas de produção e circulação de mercadorias menos poluentes e mais solidárias, a exemplo das cooperativas.

Alguns resultados já podem ser evidenciados sobre as ações afirmativas entre eles é que elas abriram o debate sobre as desigualdades sociais existentes entre negros, indígenas e brancos no Brasil esse debate obriga a todo o país reconhecer que mitos como o da democracia racial não têm nenhuma validade concreta. O segundo resultado objetivo é facilmente observado nos dados obtidos pelo acompanhamento da trajetória acadêmica de estudantes cotistas. Elas são iguais ou superiores àquelas de estudantes não-cotistas. Outro fator que sobressai é que não estamos beneficiando indivíduos isoladamente e sim coletivos historicamente marginalizados, também não são suas famílias as maiores beneficiárias em que pese o fato de que estes estudantes serem as primeiras pessoas da história de suas famílias a cursarem o Ensino Superior mesmo depois de mais de um século da existência de universidades no país o maior benefício dirige-se às perspectivas de desenvolvimento econômico e social do país, que passa a contar com profissionais qualificados e comprometidos com as mudanças de que o país necessita a origem social deste segmento tem impactos no seu compromisso com a melhoria do país.

Antes da ampliação dos debates sobre as ações afirmativas, o acesso ao Ensino Superior era creditado ao mérito dos estudantes onde quem estuda mais, merece a vaga, porém com a ascensão do debate sobre a reserva de vagas para estudantes negros, indígenas e de escolas públicas trouxemos à tona que o real motivo que determina quem entra e quem não entra nas melhores universidades do país decorre de condições estruturais e não meramente subjetivas.

Depende do acesso à boa formação escolar durante a educação básica (Educação Infantil ao Ensino Médio) e de um conjunto de condições que vão desde o direito a alimentação, condições adequadas de vida, acesso à cultura, à terra e ao lazer. Dessa forma, a teoria baseada no mérito é uma falácia.

A partir de debates no grupo construímos uma apresentação sobre as ações afirmativas onde passamos dados desde sua parte histórica até a implantação das ações afirmativas. Explicamos questões sobre diversidade e o respeito dessas diferenças que existe no âmbito escolar, trazendo à tona muitas dúvidas e inquietações que os alunos tinham sobre esses temas, mas o principal objetivo da palestra sobre “Ações Afirmativas” desenvolvida durante o Novembro Negro foi explicar/divulgar a Unipampa e dizer que todos são capazes de estar no ensino superior, mas acima de tudo capazes de se respeitarem, mostrando a todos não somos iguais em oportunidades e que essas medidas são importantes para que a equidade seja alcançada.